

## PARA QUEM É O ENSINO TÉCNICO? UMA ANÁLISE DA VIOLENCIA DE GÊNERO NAS ÁREAS STEM

MARINA ESCARRONE PRIMEL<sup>1</sup>; LUCÍA SILVEIRA ALDA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Rio Grande – 2023307595@aluno.riogrande.ifrs.edu.br*

<sup>2</sup>*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Rio Grande – lucia.alda@riogrande.ifrs.edu.br*

Apesar dos avanços nas áreas STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática), esses campos ainda são predominantemente masculinos, criando ambientes de exclusão e hostilidade para muitas mulheres. Projetadas historicamente por e para homens, essas áreas refletem práticas que frequentemente marginalizam o talento feminino. Nos Institutos Federais, os cursos técnicos ligados às Ciências Exatas seguem sendo percebidos como espaços masculinos, reforçando desigualdades de gênero e dificultando o acesso e a permanência de alunas. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar como o machismo e práticas discriminatórias impactam negativamente o interesse e a permanência de estudantes mulheres no ensino técnico de nível médio. Para tanto, os objetivos específicos visam identificar formas de opressão vivenciadas pelas alunas; analisar a influência da cultura institucional e das atitudes docentes em sua motivação; compreender a percepção das estudantes sobre apoio institucional e estereótipos de gênero; e propor intervenções pedagógicas e institucionais para combater o machismo nas áreas STEM. A metodologia envolve uma revisão bibliográfica sobre conceitos-chave relevantes para a pesquisa, assim fundamentando o estudo de caso no campus Rio Grande do IFRS. A coleta de dados inclui questionários mistos, que estão sendo aplicados às alunas dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do campus, que serão posteriormente complementados por grupos focais e entrevistas semiestruturadas. Espera-se que os resultados evidenciem que o ambiente dos cursos técnicos em STEM no campus ainda reproduz uma cultura institucional androcêntrica, marcada por atitudes discriminatórias, microagressões e ausência de políticas eficazes de acolhimento às estudantes.